

CAMPINAS: morar é fácil. Mas caro: a solução tem sido, para muitos, optar por viver em "repúblicas". Jornal da Tarde, São Paulo, 18 dez. 1984.

Campinas: morar é fácil. Mas caro.

A solução tem sido, para muitos, optar por viver em "repúblicas".

O vestibulando paulistano que for estudar em uma das duas universidades campineiras — Unicamp ou Puccamp — e tiver de morar em Campinas, vai encontrar uma cidade dotada de completa infra-estrutura para atender estudantes. Mas o preço é alto. Com 850 mil habitantes — a maior cidade do Interior paulista, segundo o censo de 80 —, Campinas tem, ao lado de uma das mais altas rendas **per capita** do País, também um dos mais elevados custos de vida. Por isso, o estilo de moradias para estudantes universitários que predomina na cidade é o de repúblicas, nas quais geralmente não há muito conforto, mas as despesas são reduzidas.

Os dez cinemas, dois grandes teatros, dois auditórios ao ar livre, duas áreas de lazer de grande porte — Bosque dos Jequitibás e o Parque Portugal — e uma orquestra sinfônica fazem parte dos atrativos de cultura e lazer de Campinas.

Os próprios estudantes universitários, que ultrapassam a marca dos 30 mil, criaram um modo de vida particular dentro de Campinas, provocando a proliferação na cidade dos restaurantes de comida natural ou caseira e dos barzinhos noturnos, onde se pode ouvir música, beber e comer a preços módicos.

Nenhuma das duas universidades oferece alojamentos para estudantes. E a maior parte dos alunos depende de transporte coletivo para acesso aos **campi**. A Unicamp subsidia 50% do valor da passagem, mas os alunos da Puccamp têm de pagar o passe integralmente. São justamente os estudantes da Puccamp os mais sacrificados financeiramente. Um exemplo é a situação do atual presidente do diretório acadêmico de Comunica-

ção Social, Edson Arantes, 21 anos, quartanista de Jornalismo. Ele veio do pequeno município mineiro de Cássia e trabalha em um banco, onde ganha 250 mil cruzeiros, e estuda à noite. Para sobreviver com essa renda, Edson mora em uma república com mais nove colegas.

Há alguns anos, os estudantes tomaram conta dos velhos casarões de Campinas, montando neles repúblicas numerosas para reduzir individualmente as despesas do mês. Mas o problema de segurança, com o aumento de assaltos na cidade, também começou a afetar drasticamente as repúblicas estudantis dos casarões. E o panorama mudou. Agora, a principal opção são os apartamentos, com aluguel nunca inferior a 120 mil cruzeiros mensais e onde podem morar menos pessoas.

Rosa Maria de Almeida, primeira de Matemática, mora com mais quatro amigas em um apartamento no centro da cidade, por 190 mil cruzeiros de aluguel. A despesa geral, incluindo a comida, para cada uma é de cem mil por mês. Rosa recebe uma mesada de 250 mil do seu pai, mas ainda paga 97 mil cruzeiros de mensalidade na faculdade. Para ela, "a vida em Campinas é muito cara, mas compensa porque a cidade tem muitos atrativos".

O estudante do terceiro ano de Direito, José de Almeida Maciel Neto, 21 anos, saiu de Adamantina para morar em Campinas. Ele ficou em pensionatos logo que chegou na cidade, mas depois montou uma república com mais três amigos, em um apartamento de 120 mil cruzeiros de aluguel por mês. "Campinas é uma cidade de muitas oportunidades, gosto muito daqui", disse Maciel.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE033691

JFF 6.7.9. 29-2
33691 F.2

CAMPINAS: morar é fácil. Mas caro: Unicamp: uma verdadeira usina de projetos. Jornal da Tarde, São Paulo, 18 dez. 1984.

Unicamp: uma verdadeira usina de projetos.

A qualidade do ensino é constantemente questionada pelos estudantes. Os problemas por falta de recursos existem, mas, mesmo assim, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) goza a reputação de ser uma das melhores instituições de ensino superior do País. Relativamente jovem — 18 anos —, a Unicamp, idealizada pelo seu criador Zeferino Vaz para ser um “celeiro de cérebros”, é atualmente uma grande usina de projetos de pesquisa em todas as áreas. Há 2.400 projetos em andamento na universidade atualmente. Os seus 26 cursos de graduação

— 24 mantidos no **campus** de Barão Geraldo, em Campinas, e os outros dois em Piracicaba e Limeira — e as 55 especificações em pós-graduação abrigam cerca de 11 mil alunos atualmente.

Não apenas por ser uma escola gratuita, mas por preservar ainda no seu quadro de 1500 docentes parte dos “grandes cérebros” contratados por Zeferino Vaz dentro e fora do País, a Unicamp atrai grande número de candidatos ao seu vestibular anualmente. O candidato que optar por algum curso da Unicamp poderá encontrar uma concorrência bastante acirrada. Isto acontece, por exemplo, com quem escolher Ciência da Computação, que, como reflexo do mercado de trabalho, tornou-se o mais disputado dentro da Unicamp a partir do vestibular de 84. Superando Medicina, tradicionalmente o mais concorrido, Ciência da Computação teve mais de 80 candidatos por vaga. Foram 5.618 vestibulandos disputando as 70 vagas oferecidas pelo curso. Essa procura é justificável principalmente pelo fato de que muitas empresas vão diretamente ao **campus** procurar alunos de computação.

Engenharia Elétrica também

superou Medicina no ano passado, mas mesmo assim este último chegou a ter 40 candidatos por vaga. Na ordem decrescente de preferência dos vestibulandos, vem em quarto lugar o curso de Odontologia (em Piracicaba), quase todas as especializações de Engenharia — Elétrica, Agrícola, Química e de Alimentos — Economia e Enfermagem. A última opção dentro da Unicamp tem sido Estatística — um curso mais voltado para a formação teórica do que técnica.

A Unicamp também tem tentado adaptar seus cursos às exigências do mercado de trabalho. Nes-

se sentido, já foram feitas modificações curriculares nos cursos de Química Tecnológica, Física Aplicada e Matemática Computacional.

Além disso, a universidade não mantém um esquema rígido de cumprimento da carga horária.

A Cidade Universitária, no **campus** de Barão Geraldo, distrito de Campinas, concentra 90% de toda a estrutura da Unicamp. São 2,2 milhões de metros quadrados, com uma área construída de 120 mil metros quadrados, mais mil metros quadrados em construção, para abrigar as 14 unidades de ensino e

de administração, com uma população fixa de 20 mil pessoas, entre professores, alunos e funcionários. Para administrar melhor uma estrutura semelhante a de uma cidade, o reitor José Aristodemo Pinotti criou, há mais de um ano, no **campus**, uma prefeitura que não tem orçamento próprio (os recursos destinados pelo Estado, que este ano foram de 80 bilhões de cruzeiros, são administrados pela reitoria), mas é responsável pelos serviços à comunidade, comuns a qualquer prefeitura, como transporte, segurança, alimentação e saneamento básico.

CAMPINAS: morar é fácil. Mas caro: Puccamp: a cada ano, menos alunos.
Jornal da Tarde, São Paulo, 18 dez. 1984.

Puccamp: a cada ano, menos alunos.

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp) sofre internamente os reflexos da situação econômica do País. A instituição depende quase exclusivamente das anuidades dos seus alunos. Mas a cada ano letivo diminui o número de candidatos ao seu vestibular e aumenta a evasão dos seus alunos. O número de estudantes, que já foi de 23 mil, atualmente não é superior a 18 mil. Além disso, a universidade vem acumulando ano a ano déficits financeiros e possui uma dívida de cerca de 10 bilhões de cruzeiros, a maior parte em dólares e marcos alemães.

A Puccamp possui um dos maiores patrimônios do ensino privado do País, incluindo dois campi e quatro prédios no centro da cidade, que somam 124 mil metros quadrados de área construída. Essa infra-estrutura acomoda 46 cursos de graduação e cinco de pós-graduação nas três áreas do conhecimento — Humanas, Exatas e Biológicas. Mas o número de professores é reduzido — 1.500 — e os alunos reclamam da superpopulação nas salas de aulas, que chega a até 150 alunos.

A recessão econômica, que diminuiu o poder aquisitivo dos brasileiros, refletiu diretamente no ensino privado, segundo o reitor da Puccamp, Heitor Regina. E a Universidade Católica de Campinas é um exemplo desse fenômeno. Há pelo menos três anos a Puccamp perdeu a cômoda situação de ser uma escola bastante procurada. Ao contrário, hoje alguns cursos se vêem na desconfortável condição de publicar várias listas de chamadas após o vestibular para preenchimento das vagas.

Na Puccamp, os cursos mais baratos estão na faixa de 86 a 97 mil cruzeiros, e, naturalmente, no próximo ano, nenhum deles terá mensalidade inferior a 100 mil cruzeiros.

Esses cursos mais baratos — justamente porque não exigem instalações sofisticadas e docentes especializados — são em grande parte na área de Humanas, como Comunicação Social, Biblioteconomia, Ciências Econômicas, Direito, Administração Hospitalar e Educação Física, entre outros.

O líder na escala de preços é Medicina, que este ano está com uma mensalidade de 252 mil cruzeiros que, fatalmente, no próximo ano não será inferior a 300 mil cruzeiros. Ainda assim, é o curso mais disputado nos vestibulares da Puccamp e raramente apresenta uma proporção inferior a 50 candidatos por vaga. A Universidade também mantém um serviço de apoio ao estudante (SAE) que coordena e distribui bolsas para alunos carentes. Este ano, foram destinados cerca de 300 milhões de cruzeiros para ajudar quase dois mil alunos carentes.

A não coincidência de datas do seu vestibular com o concurso da Fuvest também acaba sendo um atrativo, uma vez que a maioria dos vestibulandos de universidades públicas tentam sempre uma outra escola para garantirem a vaga no curso desejado. Este ano, por exemplo, as inscrições para o vestibular da Puccamp iniciam-se no dia 1º de dezembro e encerram-se no dia 31 de janeiro. As provas serão realizadas somente em fevereiro, nos dias 11 e 12.

33001 F.3

CAMÉLIA: amor e fé. São Paulo: Poesia e Arte, 1984. 180 p. R\$ 12,00.



Puccamp: 46 cursos de graduação e cinco de pós...



...mas um número reduzido de professores — 1.500.